

Nuccio Ordine: "É preciso transformar a educação numa forma de resistência à barbárie do lucro"

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Filósofo e crítico literário italiano participará de seminário sobre Humanidades promovido por Época e pelo Insper na quarta-feira, dia 6. O professor de literatura italiano Nuccio Ordine lançou no ano passado no Brasil seu livro "A utilidade do inútil" (Editora Zahar), uma espécie de manifesto sobre a importância na formação do ser humano das artes, da filosofia, do teatro, da música e outras manifestações da cultura que passaram a ser crescentemente associadas a "conhecimentos inúteis" numa época marcada pela busca utilitária do conhecimento. Especialista em Giordano Bruno, filósofo, teólogo e monge dominicano italiano do século XVI que foi condenado à morte na fogueira pela Inquisição por heresia, Ordine, um crítico da mercantilização das relações humanas, já teve seu livro traduzido para 16 línguas. Na quarta-feira, dia 6, Ordine estará em São Paulo e discutirá as ideias de seu livro no debate "Precisamos falar sobre humanidades", promovido por ÉPOCA e pelo Insper, escola de economia, administração e negócios. O debate terá a participação do cientista político e doutor em Filosofia Fernando Schüller, professor da cátedra Palavra Aberta do Insper e colaborador de ÉPOCA. O evento gratuito vai das 10h30 às 12h (Insper, Rua Quatá, 300, Vila Olímpia). Inscreva-se aqui (as vagas são limitadas - o auditório tem capacidade para 238 lugares). ÉPOCA- O que impulsionou essa busca meramente utilitária do conhecimento que o senhor aborda em seu livro? Nuccio Ordine - O amor ao dinheiro faz parte da história da humanidade. Em todas as épocas, escritores e artistas, filósofos e cientistas denunciaram os males que o excessivo domínio da lógica do lucro e do utilitarismo produz para a sociedade e as relações humanas em geral. Mas nos últimos 30 anos, assistimos à vitória de um capitalismo selvagem que perdeu todo respeito pelos seres humanos e pelo meio ambiente: é preciso ganhar muitíssimo em pouco tempo, sem pensar no futuro e (o que é gravíssimo) renunciando à responsabilidade ética e social dos negócios. Assim, em poucas décadas viraram fumaça os direitos que os trabalhadores haviam conquistado (hoje, para usar uma frase célebre de Hannah Arendt, perdeu-se "o direito de ter direitos"). E, ao mesmo tempo, não há mais respeito pela saúde do planeta: é preciso desfrutar ao máximo todas as coisas, sem pensar naquilo que deixaremos como herança aos nossos filhos. Mas este capitalismo selvagem também pode ser auto-destrutivo. Pensemos naquilo que aconteceu com a Volkswagen: substituir um software para ganhar mais provocou um prejuízo econômico e manchou a imagem de um modo tão profundo que arriscou levar à falência uma das indústrias automobilísticas mais importantes do mundo. Mas a lógica do lucro, infelizmente, está invadindo também áreas onde ela nunca deveria existir: a educação (pensemos na escola e na universidade), a pesquisa científica (pensemos no desinteresse pela pesquisa básica), a concepção dos bens culturais (um museu, um monumento ou uma obra de arte têm cada vez mais um valor econômico, valem pelo dinheiro que produzem) e até mesmo as relações humanas (a falta de tempo nos impulsiona a cultivar relações "virtuais" por meio das redes sociais e a negligenciar os afetos daqueles com os quais vivemos em contato direto). ÉPOCA-Quais observações, em seu cotidiano, o levaram a querer escrever sobre isso? Ordine - Partindo das próprias experiências pessoais, cada um de nós pode medir esse progressivo processo de barbarização das relações humanas. Dia desses estava almoçando numa pizzaria próximo da universidade onde trabalho. Na mesa à minha frente, observei o comportamento de um casal de jovens: não trocaram uma palavra entre si e estavam concentrados em seu celular para dialogar com outros interlocutores distantes. No Japão, já surgiram as agências que "alugam amigos": alguém que te acompanha para ir ao cinema, numa viagem ou com quem possa compartilhar um jantar. Muitos jovens acreditam que o Facebook seja um aparato importante porque permite criar uma vasta rede de amigos: para eles a "amizade" é um simples clique. Essas formas de banalização e simplificação das relações interpessoais estão criando uma nova forma de "solidão": estar permanentemente conectado provoca somente uma grande ilusão de cultivar relações humanas... ÉPOCA - Os contínuos cortes relacionados às áreas de humanas, nas universidades e na cultura, corroboram a sua tese. A humanidade corre o risco de renegar as humanidades a um hobby de excêntricos? Ordine - Nos dias de hoje, tudo aquilo que não produz lucro é considerado "inútil". Basta olhar onde ocorrem os cortes governamentais: a educação, as bibliotecas, os museus, tudo o que é considerado "cultura" em geral. Infelizmente, também as escolas e as universidades são cada vez mais pensadas em função do mercado. Os estudantes são orientados a escolher as instituições de ensino superior e as universidades não baseados em seu interesse pessoal (as áreas de estudo que amam) mas com base nas perspectivas futuras do mercado de trabalho. Pretende-se oferecer a ilusão de que a educação deve servir exclusivamente para realizar uma profissão. Eis a razão pela qual as escolas e as universidades são empresas que vendem diplomas e os estudantes clientes que compram esses diplomas para então serem gastos no mercado de trabalho. Perdeu-se completamente de vista a função educativa e formativa do conhecimento. Parece muito belo fazer com que os estudantes do mundo inteiro pudessem ler um poema esplêndido de um grande poeta grego (Konstantinos Kavafis), intitulada Ítaca: o que importa não é chegar a Ítaca (o diploma), mas o percurso formativo que realizamos para chegar aquilo que nos enriquece, que nos torna melhores. Infelizmente, hoje o diploma conta mais que o percurso. A profissão vale mais que a formação do cidadão. Formar "cidadãos" significa formar homens e mulheres cultos, capazes de pensar criticamente e de abraçar os grandes valores da humanidade (a solidariedade, o amor ao bem comum, a justiça). Se não formamos cidadãos cultos, "livres" e capazes de exercer a "crítica", será difícil pensar uma humanidade mais humana... ÉPOCA - O que pode ser feito para frear essa tendência de fazer do conhecimento algo meramente utilitário? Ordine - É preciso partir das escolas e das universidades. Transformar a educação numa forma de resistência à barbárie do lucro. É preciso investir pesadamente na cultura e na formação dos jovens. Juntamente com a rede de escolas e universidades, seriam financiadas bibliotecas, museus, conservatórios de música, teatros, cinemas, livrarias, enfim, aquelas estruturas capazes de agregar e oferecer cultura, em todas as suas formas. Formar cidadãos cultos, capazes de resistir à corrupção e aos mitos dos ganhos fáceis, significa construir o desenvolvimento civil e econômico de um país. Não é verdade que não há dinheiro. Basta somente pensar no câncer da corrupção: na Itália, gastamos anualmente 70 bilhões de euros por causa da corrupção e perdemos mais 120 bilhões com a evasão fiscal. No Brasil a situação parece sem ainda mais grave: uma presidente da República é acusada e substituída por um novo presidente que, por sua vez, também está sob investigação. Um presidente que havia prometido combater a corrupção e que pensou, como um dos seus primeiros atos, fechar o Ministério da Cultura. Essas contradições são um gravíssimo sinal de alerta para a sociedade. Claro. O poder não ama cidadãos cultos, porque onde há cultura existe a consciência crítica, a revolta, os seres humanos dignos que têm a coragem de dizer "não". Eis porque os políticos, em geral, desprezam a cultura e fingem que não há dinheiro para financiá-la. ÉPOCA - Num mundo em que mesmo as crianças sofrem a pressão competitiva, de que forma as famílias podem ajudar as próximas gerações a terem sensibilidade para a importância de assuntos como filosofia, psicologia e as artes na vida? Ordine - Todos os anos leio aos meus estudantes uma belíssima carta que Albert Camus escreveu ao seu professor do ensino médio em Argel. Pouco depois de ter ganhado o prêmio Nobel, o grande escritor sentiu necessidade de agradecer alguém que (quando era um estudante órfão e muito pobre) lhe havia transformado a vida. Cada um de nós, em sua experiência de estudante, encontrou uma professora, um professor na escola que com seus ensinamentos foram capazes de mudar a nossa vida ou a vida de alguém que conhecemos. Apesar da trágica situação que estamos vivendo, continuo a acreditar (com certo otimismo) que um lugar, uma sinfonia, um quadro, um bom docente podem ainda mudar a vida de um jovem estudante, podem incentivá-lo a se libertar das cadeias do egoísmo para abraçar grandes valores como a liberdade, a solidariedade humana, a justiça, o amor ao bem comum. Mas, gostaria de esclarecer, a cultura não produz automaticamente essas metamorfoses. Há sempre necessidade de encontrar pessoas dispostas a ouvir. Mesmo com esse esclarecimento, não vejo outra saída para tornar a humanidade mais humana. Na Venezuela, somente para citar um dentre muitos exemplos célebres – uma escola de música, com o auxílio do grande maestro Claudio Abbado, fez milagres: centenas de jovens, provenientes de favelas perigosas e destinados a se tornar criminosos, têm tido, em vez disso, a oportunidade de se tornar grandes músicos. Hoje a delinquência no Brasil está mudando a qualidade de vida de milhões de cidadãos: se não garantirmos aos jovens que crescem na pobreza nas favelas uma educação e uma assistência de saúde dignas, será difícil imaginar um passeio tranquilo pelas ruas de São Paulo ou Rio de Janeiro. Atualmente essa "normalidade" perdida é o preço altíssimo a pagar numa sociedade que está sempre criando mais desequilíbrio entre os poucos (que possuem riquezas enormes) e os muitíssimos (que não têm mais futuro). Quem vive em condições terríveis onde não existe a "dignidade", onde a própria vida não tem nenhum valor, como poderia dar valor à vida

dos outros? Mas existe algo mais: o prêmio Nobel de Amartya Sen mostrou que, quando se tem uma população sadia e educada, o desenvolvimento econômico está garantido. Kerala era uma das regiões mais pobres da Índia. Após um enorme investimento governamental em estruturas de saúde, escolas e universidades, Kerala se tornou hoje uma região que registra a maior renda per capita da Índia. São dados objetivos que deveriam nos fazer refletir >> Albert Camus, um pensador para o século XXI ÉPOCA - Por favor, qual era sua relação com Umberto Eco? De que forma o trabalho dele (e sua pessoa) o influenciaram? Ordine - Conheci pessoalmente Umberto Eco em Nova York. Ele estava lá para uma série de seminários e eu era um jovem professor visitante na Universidade de Nova York. Em 1994, Eco já era um mito. Daquele momento em diante sempre mantivemos contato. Eu apreciava muito sua cultura enciclopédica, sua capacidade de falar sobre as coisas difíceis a um vastíssimo público, seu amor pelos livros e pela erudição (Eco havia reunido uma biblioteca de livros raros de muitíssimo valor) e, o mais importante, a sua grande paixão pelo ensino. Pouco antes de sua morte, em novembro de 2015, eu estava ao lado dele entre os fundadores de uma nova editora La Nave di Teseo (dirigida por Elisabetta Sgarbi): éramos todos autores da Bompiani. E porque a Bompiani foi comprada pela Mondadori (propriedade da família Berlusconi) Eco nos encorajou a iniciarmos uma nova aventura: dar vida a uma editora independente, livre das correntes dos grandes grupos editoriais. E isso foi feito. Eco foi um verdadeiro gigante capaz de conjugar com inteligência erudição e paixão civil. Reconheço na minha vida a sorte de ter encontrado muitos mestres do nível de Umberto Eco: George Steiner, Ilya Prigogine, Pierre Hadot, Hans Georg Gadamer, Eugenio Garin. Mestres que me ensinaram a compreender que onde há um grande amor ao saber, sempre há uma grande humildade e, sobretudo, uma grande simplicidade... MAIS LIDAS



O escritor Nuccio Ordine